

Um coleccionador exigente: António Anastácio Gonçalves (1888-1965)

José Alberto Ribeiro*

*«Il y a deux sortes de collectionneurs, celui
qui cache ses trésors et celui qui les montre; on est placard ou bien vitrine ...»
Sacha Guitry¹*

A PAIXÃO DOS COLECCIONADORES

As colecções são um elemento marcante da personalidade de um colecionador. Chamamos coleccionar ao acto de coligir, hábito ou compulsão de reunir objectos com um denominador único que pode ir do objecto mais erudito ao mais banal do quotidiano. Em geral, o tronco comum de cada colecção é mesmo a ideia obsessiva de repetir um determinado tema, estilo ou figura em objectos onde o angariador do espólio se revê. O desejo de possuir um objecto amado é o intuito do coleccionador.

O coleccionismo afirma um mundo de preferências ideológicas ao definir-se, em muitos casos, como defensor activo da possessão única, não compartilhada, dos objectos. Esta atitude é uma das características comuns em inúmeros manifestantes deste fenómeno, com particularidades específicas em cada momento histórico concreto e do próprio compilador. Podemos falar de atitudes mais ou menos liberais, aristocráticas, reaccionárias, burguesas ou de vanguarda, segundo o comportamento social do coleccionador e do uso que o mesmo faz das suas obras (utilidade cultural, deleitação, exclusivamente pessoal, empréstimos para exposições, etc)².

Existem diferentes tipos de coleccionador. Na sua maioria, todos revelam uma ansiedade crónica que pode ser atenuada apenas por

* Director da Casa-Museu Dr. Anastácio Gonçalves. Mestre em História da Arte.

¹ Sacha Guitry (1885-1957), actor do teatro e cinema francês, director, argumentista e coleccionador.

² LEON, Aurora, *El Museo – Teoria, praxis y utopia*, Madrid: Cátedra, 1990, p. 15.

mais descobertas ou com uma nova aquisição. Neste contexto, o acto de coleccionar objectos representa uma busca voluntária, um objectivo bem determinado e selectivo.

Alguns autores têm tentado delinear as diferentes categorias de coleccionador, podendo estas constituir balizas e alinhar uma história, tipificar os diferentes grupos. Sophie Cueille procurou esboçar duas grandes categorias de coleccionadores³, tais como: «o Antiquário» – amante de fragmentos de edifícios antigos ou de outros fragmentos de arte ou o «Coleccionador Artista» – que se rodeia de todo o tipo de formas de arte. Para estes últimos, a descoberta de um *décor* historicizante é reservado a um cenáculo de amigos e/ou à clientela do artista. Um sem número de outras categorias são possíveis. Clifton-Mogg⁴ sugere: os «Antiquários», apaixonados pelo mundo da Antiguidade; os «Exploradores», viajantes de regiões inexploradas e fascinados por objectos exóticos; os «Herdeiros», possuidores de uma colecção recebida em herança ou simplesmente perpetuam uma tradição de um determinado tempo perdido; os «Perfeccionistas», intransigentes e a quem só interessa o objecto exclusivo, perfeito; os «Naturalistas», ligados às maravilhas do mundo mineral, vegetal ou animal; os «Utilitaristas», apreciadores da simplicidade dos objectos quotidianos; os «Apaixonados», sempre a acumular diferentes tipos de objectos e iniciar novas colecções e, finalmente, os «Decoradores», para quem todos os objectos ganham potencial e virtuosidade. Para Maurice Rheims⁵ existem os «coleccionadores extrovertidos»: que contam a todos cada momento especial das suas novas descobertas; os «constrangidos e forçados», que não recebem nenhum parente mais do que uma vez por ano e que não gostam de abrir as respectivas vitrines; os «introvertidos», que se fazem representar por um intermediário, discretos e que passam despercebidos numa sala de leilões, cuja colecção ninguém conhece. Não têm nada a mostrar e poucos têm o privilégio de ver o seu tesouro, tal como Calouste Gulbenkian, recusando toda a vida um acesso fácil às colecções guardadas na Avenida Iéna, em Paris.

O temperamento do coleccionador é, por natureza, exigente e céptico. A sede de ter mais objectos só é compensada pela capacidade que tem de dizer que não, pela exigência que coloca na análise de um novo objecto, e em cada nova aquisição.

³ CUEILLE, Sophie, « Jules Charvet (1824-1882) – Antiquaire parisien et Alpicois » in *Mécènes et Collectionneurs*, vol. I, Paris: Éditions du CTHS, 1999, pp. 223-224.

⁴ CLIFTON-MOGG, Caroline, *Secrets de collectionneurs*, s.l.: Marabout, 2003.

⁵ RHEIMS, Maurice, *Les Collectionneurs*, Éditions Ramsay, Paris : 2002, p. 35.



Fig. 1 – Dr. António Anastácio Gonçalves, 1935.

O gosto de reunir objectos, de tudo saber sobre eles, desenvolve um extraordinário espírito de perseverança que leva à procura das obras mais belas como também das mais raras. Determinados tipos de coleccionadores têm, num certo sentido, o desejo de tudo possuir. Para alguns, a satisfação põe em jogo o próprio gosto, natural ou adquirido, o sentido da perfeição e o instinto de pesquisa. Procuram os objectos, tudo o que testemunhe a sua origem e tudo o que exista de literatura especializada⁶.

Uma grande colecção privada é um concentrado material que estimula e excita incessantemente o seu organizador. A possibilidade de poder obter sempre mais objectos para a colecção. O coleccionador vive precisamente do excesso, da saturação.

UM COLECCIONADOR EXIGENTE

António Anastácio Gonçalves nasceu em Alcanena, a 2 de Outubro de 1888, filho de José Manuel Gonçalves (1840-1898) e de Mariana Anastácio Gonçalves (1842-1924), oriundos de famílias abastadas de Alcanena ligadas ao comércio de curtumes e proprietários rurais.

Ainda em Alcanena e ao longo de toda a vida, o seu tio materno, José Alves Anastácio (1846-1928), foi uma figura tutelar na vida do coleccionador. José Alves Anastácio desenvolveu a sua actividade na indústria

⁶ RHEIMS, Maurice, *Op. Cit.*, pp. 19-20.

e comércio de curtumes e era detentor de uma fortuna considerável. Foi uma figura determinante para a história da criação do concelho de Alcanena, em 1914.

Um hospital era considerado um equipamento essencial para a elevação de Alcanena a concelho. Assim sendo, em 1912, José Anastácio fundou e contribuiu financeiramente para a Associação de Assistência de Alcanena, que assumiu a responsabilidade de construir e manter o Hospital. Foi Anastácio Gonçalves o secretário do acto de fundação. Anos mais tarde, na década de 50, o médico recebeu uma carta do Hospital de Alcanena pedindo financiamento para a realização de um busto para homenagear o fundador mas recusou o pedido, já que para ele o importante era a obra. O Hospital receberia sempre importantes doações monetárias em vida de Anastácio Gonçalves⁷, assim como um legado testamentário. O mesmo hospital seria a entidade receptora das heranças das seis irmãs do Dr. Anastácio Gonçalves, falecidas sem herdeiros directos. Todos suportaram a obra e os propósitos do tio José Anastácio.

Das seis irmãs de Anastácio Gonçalves tinha este, segundo a tradição familiar, uma maior proximidade com a irmã mais nova, Teolinda (1884-1953), que cegara na sequência de um acidente doméstico quando tinha quatro anos. Aparentemente, a cegueira da irmã terá influído na escolha da especialidade de Oftalmologia. Como à frente se verá, a protecção aos cegos será uma preocupação permanente na vida deste homem.

Parte da infância e adolescência de António Anastácio Gonçalves é passada em Coimbra, onde realiza os estudos liceais. Até 1907 estudou no Colégio de S. Fiel e no Liceu Central de Coimbra, destacando-se pela distinção nas notas escolares⁸.

Transitou para a Escola Politécnica de Lisboa, em 1907-1908, para cursar as cadeiras preparatórias do curso de Medicina. Em Dezembro de 1912 foi aprovado no concurso público para interno dos Hospitais Cíveis de Lisboa. Um ano depois obtém a formatura na Faculdade de Medicina de Lisboa com a defesa da tese «*Sobre um caso de endotelioma do paladar e seu tratamento*», premiada com a classificação de 15 valores⁹.

⁷ Cartas do Hospital de Alcanena agradecendo as doações do Dr. Anastácio Gonçalves, de 1930, 1931 e 1951. Fundo Documental Dr. Anastácio Gonçalves (FDAG), AG. 1.26., 1.28. e 1.30.

⁸ Notas do Colégio de S. Fiel de 1900 e do Liceu Central de Coimbra. Fundo Documental Dr. Anastácio Gonçalves, AG. 1.61. , 1.62. e 1.65.

⁹ FDAG, AG1.58, 11 de Novembro de 1913.



Fig. 2 - Fotografia de Dr. Anastácio Gonçalves, década de 1910.

Frequentou ainda o curso oficial de Medicina Dentária, tendo obtido, em exame, a classificação final de 16 valores. Opta pela especialidade de Oftalmologia, em 1914, no Instituto de Oftalmologia de Lisboa, onde se torna Assistente do Prof. Doutor Gama Pinto, lugar que ocupa até 1926¹⁰.

Anos antes fora incorporado no Exército, a 11 de Novembro de 1908, servindo a cargo do distrito de Santarém. Coube-lhe o nº 1 na Companhia de Saúde. No entanto, passou à reserva para conclusão dos estudos de Medicina na capital. É nesse período que radica residência em Lisboa, na freguesia da Encarnação.

Após a conclusão da licenciatura sucederam-se os lugares públicos que vai obtendo por mérito mediante concurso de provas públicas. Assim, a 17 de Outubro de 1914, foi nomeado Sub-delegado de Saúde de Lisboa e Guarda-mór substituto do Porto de Lisboa.

O confronto que colocou a Europa em guerra, em 1914, forçou a participação de Portugal na I Guerra Mundial e exigiu a reintegração dos ex-oficiais médicos milicianos ao serviço do exército. A presença de

¹⁰ FDAG, AG1.74, 15 de Junho de 1926.

médicos portugueses nas trincheiras de guerra era indispensável, bem como o acompanhamento médico dos muitos soldados portugueses que partiram. Entre Junho de 1917 e Fevereiro de 1919 o Tenente-Médico miliciano Anastácio Gonçalves integrou o corpo de tropas expedicionárias portuguesas na Flandres, tendo-se distinguido pelas suas qualidades de coragem e sentido da responsabilidade, na batalha de La Lys. O relatório do Batalhão de Infantaria nº 13 do C.E.P., 2ª Divisão, 5ª Brigada de Infantaria, é ilustrativo da bravura dos soldados portugueses na batalha de La Lys (9 e 10 de Abril de 1918):

«Foi na ocasião que marchavam debaixo de tão grande bombardeamento e com uma atitude tão decidida e tão própria de homens valentes, que eu lhes dirigi palavras elogiosas, dizendo-lhes que sempre esperei tudo dos grandes soldados do 13, que já em Cambrai, em 30 de Novembro de 1917 tinham mostrado a sua valentia debaixo da acção dos três grandes bombardeamentos que o inimigo executou sobre as trincheiras que o batalhão guarnecia e onde houve actos de coragem dignos de registar, salientando-se os praticados pelos Tenentes-Médicos milicianos António Anastácio Gonçalves e Manuel Neto Cabral, que no período mais intenso daqueles bombardeamentos, foram logo para as primeiras linhas, onde se encontraram comigo, afim de prestarem os socorros da sua profissão aos feridos que houvesse e procedimentos igual adoptavam sempre estes dois oficiais médicos, na ocasião em que o Batalhão estava nas linhas, pois acudiam sempre aos pontos mais batidos, para aí exercerem a sua acção e então o médico Gonçalves, que era o mais antigo e por isso o dirigente de serviço da sua especialidade, reunia as qualidades de assiduidade e zelo inexcedíveis, as de coragem, abnegação e espírito de sacrifício, permanecendo sempre junto dos doentes e feridos a quem tratava com carinho e desvelo, animando-os nos transes mais dolorosos. Tudo quanto se possa dizer a respeito deste homem, não é demais, atendendo às suas óptimas qualidades sobre todos os pontos de vista, bem reveladas em todos os actos que praticou. (...) O tenente Gonçalves já foi condecorado com a Cruz de Guerra de 2ª classe. É um oficial desembaraçado e corajoso.»¹¹

Terminada a Guerra passou a viver na Rua Renato Batista, 68, em Lisboa, e tornou-se cada vez mais não só um médico conhecido como um amante das artes e da cultura.

O médico prestigiado é chamado a ir ao estrangeiro em missão sanitária, através dos países da Europa central, enquanto Sub-inspector de Saúde Pública, conjuntamente com outros médicos sanitários, por incumbência do Comité de Higiene da Sociedade das Nações. A higiene

¹¹ Folhas dactilografadas e assinadas no quartel da Guarda, a 23 de Julho de 1919, pelo ex-comandante do Batalhão do 13 do CEP, Gustavo de Andrade (?). FDAG, AG. 1.21.

pública foi também uma das suas áreas de interesse, reunindo bibliografia vária sobre o assunto e publicando sobre o mesmo. Ricardo Jorge escreve, por ocasião da referida missão que:

«(...) o sub inspector de saúde Anastácio Gonçalves desempenhou sempre o seu cargo com uma actividade modelar, com zelo constante e uma inteligência superior. Pode servir de exemplo e padrão para os funcionários sanitários, como para todo o higienista militante. Tem dado todas as provas que podem desejar-se de conhecimento profundo das questões sanitárias, de tacto e rigor na aplicação de preceitos higiénicos, duma consciência cheia de rectidão e duma meticulosa probidade.»¹².

Os anos de 1930 são ocupados entre a regência de cadeiras do curso de Medicina Sanitária, sucedendo-se cargos como a nomeação de Inspector-Chefe de Sanidade Marítima e Internacional e de Professor nos cursos de Epidemiologia e Medicina Sanitária. A actividade clínica é desenvolvida em dois consultórios, na Policlínica do Intendente e na Av. da Liberdade (nº 202). Partilha os consultórios com o amigo e colega, Prof. Fernando da Fonseca, que mais tarde lhe apresentará o coleccionador Calouste Gulbenkian.

É já um médico conceituado quando, a 1 de Setembro de 1930, recebe o Diploma de Oficial da Ordem Militar de S. Tiago de Espada, em reconhecimento pelos serviços prestados ao país.

O ano de 1932 é um ano decisivo na vida do Dr. Anastácio Gonçalves. Nesta data adquire, em hasta pública, a Casa-Malhoa, na então Avenida António Maria d'Avellar, hoje Av. 5 de Outubro, em Lisboa¹³. A compra da casa que em tempos pertencera a um dos artistas mais conceituados dos pintores do Grupo do Leão, José Malhoa, demonstra simbolicamente o gosto do coleccionador pelos naturalistas e por um exemplar arquitectónico marcante na cidade de Lisboa dos inícios do século XX. Já então o Dr. Anastácio Gonçalves coleccionava pintura e mobiliário. A compra do imóvel terá sido, provavelmente, com o propósito de um dia ser legado ao Estado para a criação de um museu. A ligação com os pintores próximos do universo estético do coleccionador permitiu que o antigo atelier do pintor Malhoa fosse ainda utilizado para alguns artistas realizarem retratos¹⁴.

¹² Carta de Ricardo Jorge de 1929. FDAG, AG. 1.56.

¹³ Certidão da Conservatória do Registo Predial para registo de propriedade a favor de Anastácio Gonçalves. FDAG, AG.4.2., 9 de Junho de 1932.

¹⁴ CABRAL, João Gonçalo do Amaral – Evocação do Dr. António Anastácio Gonçalves in MATOS; Maria Antónia Pinto de, (coord.) – *Casa das Porcelanas*, Instituto Português de Museus e Philip Wilson Publishers, 1996, p. 14.

O oftalmologista é reconhecido na capital, não só como bom profissional, mas também como coleccionador, quer pelos antiquários quer por artistas, e nos meios sociais onde circula. Anastácio Gonçalves relaciona-se com artistas, enquanto melómano frequenta os concertos do Círculo de Cultura Musical, no Tivoli, e observa em sua casa obras que lhe mostram, adquirindo-as ou dando só a opinião como coleccionador que vai aprofundando os seus conhecimentos e olhar selectivo.

«Vivia só mas não isolado»¹⁵, segundo um dos seus testamenteiros, que tinha o privilégio de pertencer ao grupo de amigos interessados em arte que o oftalmologista recebia uma vez por semana para jantar. Havia outro pequeno grupo de amigos com quem, por vezes, se encontrava no Café Nicola, de manhã.

Os que com ele privaram elogiaram-lhe o sentido de justiça, a preocupação de bem-estar social para com os mais desfavorecidos, para além de um gosto profundo pela Arte e pelas obras que reuniu em torno de si¹⁶. Foram muitos os antiquários com quem contactou, transaccionou, trocou ou vendeu obras¹⁷. Quase todos registaram histórias particulares com o coleccionador.

O antiquário Caires, do Funchal, refere-se ao médico coleccionador como um homem calmo, muito culto, que falava devagar, que sabia o que queria quando visitava antiquários. Da Madeira enviava fotos das peças e o Dr. Anastácio Gonçalves escolhia¹⁸, sendo muitas das obras provenientes de Inglaterra. Um dia, após a venda de um par de miniaturas de porcelana de Chelsea do século XVIII, o coleccionador quis devolver as peças porque não estavam marcadas. No encontro com o antiquário gerou-se um aceso debate já com as figuras embrulhadas. Descobriu-se, depois, a marca de uma, que acabou por ficar, dispensando o outro elemento do par. Quanto ao Dr. Barjona de Freitas, antiquário do Porto, afligia-o o facto deste vir de táxi até Lisboa e deixá-lo à porta à espera, pelo desperdício de dinheiro.

¹⁵ CABRAL, João Gonçalo do Amaral *Op. Cit.*, 1996, p. 14.

¹⁶ Os testemunhos dos testamenteiros Dr. João Gonçalo do Amaral Cabral e Dr. João Anastácio são particularmente elucidativos sobre o coleccionador. O primeiro testamenteiro, grande coleccionador de arte, publicou vários testemunhos sobre o Dr. Anastácio Gonçalves publicados em edições da Casa-Museu.

¹⁷ Isabel Falcão no Catálogo de Pintura Portuguesa, coligiu o nome dos principais vendedores do coleccionador. FALCÃO, Isabel – *Catálogo de Pintura Portuguesa. Casa-Museu Dr. Anastácio Gonçalves*. Lisboa: IPM – CMAG, 2003, pp. 13-14.

¹⁸ Entrevista realizada no dia 13 de Fevereiro de 2007.

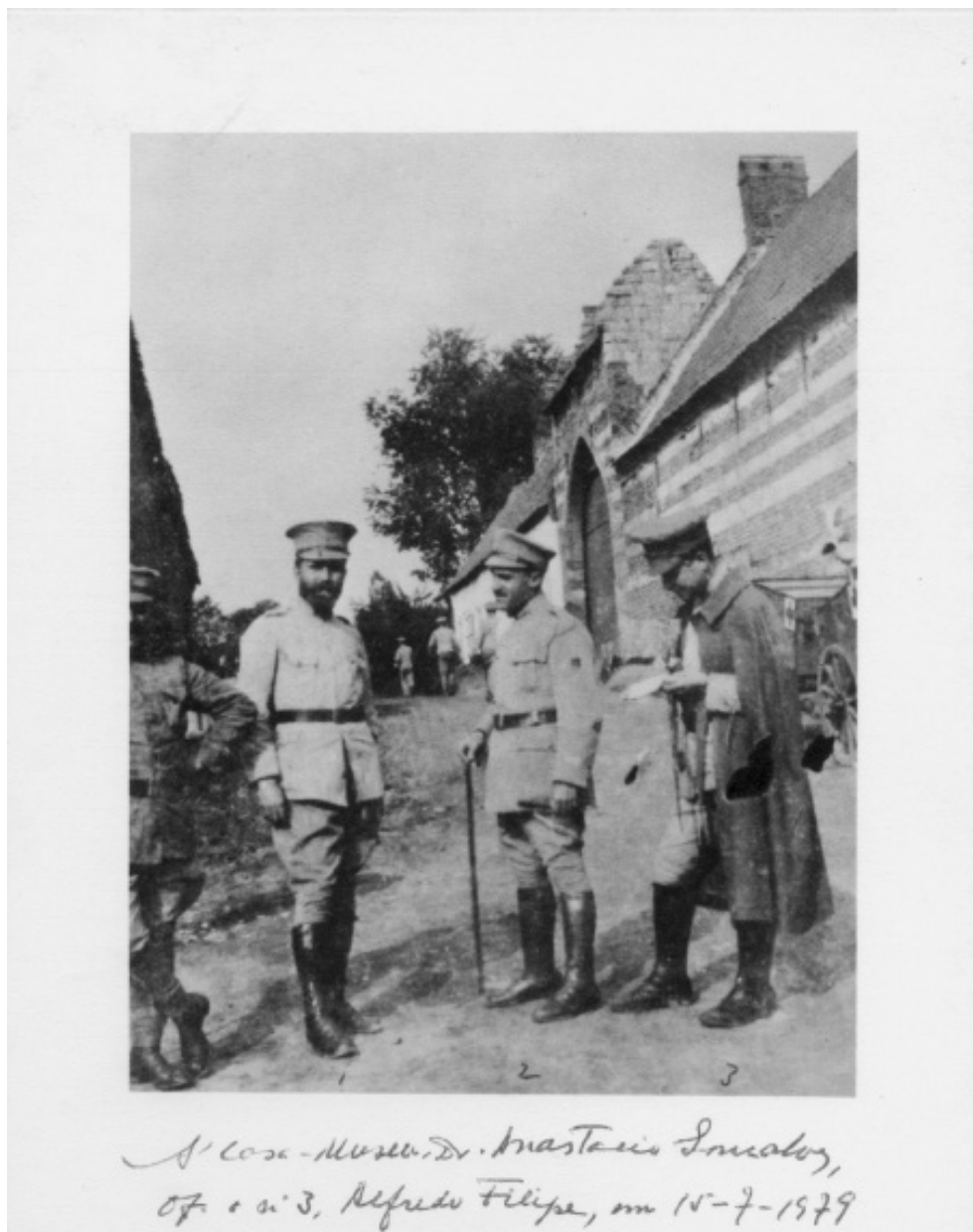


Fig. 3 - Na I Guerra Mundial, com o amigo Alfredo Filipe, advogado e também coleccionador.

A persistência de Anastácio Gonçalves tinha, por vezes, pormenores curiosos na obtenção de determinados objectos. Em 1943 visitou a Quinta das Baldrucas, em Azeitão, onde reparou num par de aquários chineses Dinastia Qing, “Família Rosa”, do segundo quartel do século

XVIII. As peças em questão interessaram-lhe sobremaneira e mostrou vontade em adquiri-las. O proprietário das peças de porcelana chinesa aceitou ceder as peças com uma condição – a venda conjunta da quinta com os aquários. O coleccionador concordou e a aquisição ocorreria nesse mesmo ano.

Por sugestão do Prof. Fernando da Fonseca, médico de Calouste Gulbenkian, Anastácio Gonçalves veio a conhecer este último em 1944¹⁹. Gulbenkian, morador no Hotel Aviz²⁰, marcou uma consulta com o oftalmologista. O primeiro encontro não correu bem. O médico era escrupuloso no cumprimento dos horários e não recebeu Gulbenkian por ter chegado atrasado, o que muito incomodou o coleccionador arménio. Marcada nova consulta a pontualidade desta vez foi recíproca e, segundo a enfermeira assistente, após um certo desconforto inicial um dos interlocutores falou de arte e começaram uma conversa cordata que deu frutos. Calouste Gulbenkian foi convidado a visitar a casa do médico²¹, tão próximo do hotel onde vivia e este foi dos poucos portugueses a ter o privilégio de visitar a casa de Paris de Calouste Gulbenkian²². Julgamos pouco provável que esta visita se tenha realizado durante a II Guerra, já que o passaporte do coleccionador português tem um primeiro carimbo para França posterior ao fim do conflito armado, em 1949²³.

Anastácio Gonçalves tratou outros nomes conhecidos do seu tempo, como os escritores Aquilino Ribeiro ou Ferreira de Castro. Este último publicou o livro «A Selva», na União Soviética, único local onde podia gozar dos direitos de autor, e onde acabou por não ir, após pedir conselho deste seu médico, que já tinha visitado aquele país²⁴.

Menos conhecido é o gosto do coleccionador pela azulejaria. Deixa listas de inventários de registos de azulejos inventariados pela cidade de Lisboa. Troca correspondência com Santos Simões, que agradece²⁵ uma lista de azulejos datados, assim como azulejos que Anastácio Gonçalves lhe terá oferecido. Terá sido um auxiliar precioso para a *História do Azulejo* que Santos Simões preparava.

¹⁹ FDAG, AG.5.10., 4 de Fevereiro de 1944.

²⁰ Local onde hoje se encontra o Hotel Sheraton, em Lisboa.

²¹ Calouste Gulbenkian apreciou sobretudo uma pintura atribuída a Hobbema. CABRAL, João Gonçalo do Amaral, *Op. Cit.*, 1996, p. 15.

²² IDEM, *Ibidem*.

²³ BRANDÃO, Inês – «Nós e eles. A Arte Islâmica no espaço museográfico» in *Olhares Cruzados sobre Arte e Islão*, Lisboa: CMAG/IMC, 2007, p. 15.

²⁴ CABRAL, *Op. Cit.*, 1996, p. 15.

²⁵ FDAG, AG. 3.1., 25 de Agosto de 1945.

Do início da década de 1950 temos o testemunho de Maria Lucília Moita, um dos poucos parentes a ter acesso à colecção. A jovem artista começara então a sua formação de pintura com aulas em Lisboa e com algumas visitas à casa do «primo António» para mostrar a sua produção e ouvir os conselhos críticos de quem conhecia bem as coisas da Arte. As visitas eram aproveitadas para realizar cópias de pintores como Silva Porto, Columbano, Carlos Reis e Malhoa. Destes momentos ficaram algumas pequenas histórias do homem sério e sóbrio, que conhecia o mundo e a arte que se vê nos museus²⁶.

A colecção cresceu e surgiu a hipótese de comprar uma casa maior, pelo que o Dr. Anastácio Gonçalves pensou comprar o Palácio Pimenta²⁷, em Lisboa.

O coleccionador reunira, entretanto, grande número de livros dos mais variados temas, medicina, literatura, viagens, arte, não dispensando a compra de catálogos de leiloeiras nacionais e internacionais, como a Christie's e a Sotheby's²⁸.

Apesar de toda a história da constituição desta colecção ser a de uma colecção privada, reservada a um núcleo restrito de conhecidos do Dr. Anastácio Gonçalves, temos conhecimento de a colecção ter sido mostrada a um perito de arte da Sotheby's, em 1955²⁹. Deste encontro ficou o testemunho documental do perito que agradece a visita à casa e elogia a pintura de Columbano.

Percorreu o mundo como turista de Arte. Todos os anos saía de Portugal um a dois meses no Verão. Era um cliente assíduo da Wagons-Lits, o que lhe permitia ter cartas de recomendação enquanto passageiro em trânsito, de modo a tornar as suas viagens o mais agradáveis possível³⁰. Ao longo da vida, conheceu no estrangeiro inúmeras galerias e museus. Das muitas viagens ficaram cartões de hotel, programas de itinerários, por vezes com anotações de locais de interesse. São várias as viagens efectuadas, por comboio, avião ou em cruzeiro. Dos inúmeros países ou cidades que conheceu estão documentados os seguintes destinos³¹: Inglaterra; Irlanda; França; Bélgica; Espanha; Áustria; Alemanha Ocidental; Alemanha Oriental, Polónia, Roménia, Checoslováquia,

²⁶ MOITA, Maria Lucília *Aonde me leva a Memória*, Câmara Municipal de Alcanena, 1992, pp. 143-151.

²⁷ Hoje Museu da Cidade de Lisboa.

²⁸ FALCÃO, Isabel, *Op. Cit.*, p. 13.

²⁹ FDAG, AG. 3.14., 21 de Abril de 1955.

³⁰ FDAG, AG. 2.6., 21 de Abril de 1955.

³¹ FDAG. AG. 1.7., 1.9. a 1.15.

Jugoslávia; Hungria; Finlândia; Rússia; Itália; Grécia; Chipre; Turquia; Israel; Argélia; Marrocos; Egipto; Síria, Líbano; Pérsia; Jordânia; Iraque; República Árabe Unida; Tailândia; Ceilão; Hong Kong; Japão; Paquistão; Cambodja; Singapura e Estados Unidos da América.

Será em viagem, em 1965, a segunda feita à Rússia, então República da U.R.S.S., para visitar o Museu Ermitage, que perderá a vida. Nas palavras do coleccionador:

«Era meu principal desígnio, como velho amador de arte, visitar o Museu do Ermitage, em Leninegrado, um dos poucos grandes museus do mundo, que eu não conheço»³².

Aquando da viagem que realizou, em 1962, à Rússia e a alguns países da U.R.S.S., a excursão na qual participava chegou a Leninegrado num dia de feriado semanal, com todos os estabelecimentos públicos fechados. Assim, só numa segunda viagem realizou o sonho de conhecer o Museu do Ermitage, mas viria a falecer na cidade de Leninegrado, hoje São Petersburgo, a 14 de Setembro de 1965, vítima de doença cardíaca súbita.

DE COLECÇÃO A MUSEU

*«Como aconteça estar nele [edifício da Av. 5 de Outubro] contida uma colecção de Arte, considerada geralmente, sob vários aspectos, como merecendo muito interesse aos estudiosos e simples amadores de Arte, eu lego também ao Estado Português com o prédio da Av. 5 de Outubro, todo o seu recheio (...). Esta colecção de Arte, formando assim um pequeno Museu no género do Museu Soane, de Londres, e de tantos outros, deve, com mais ou menos frequência (conforme os recursos de que se disponha) ficar regularmente patente ao público para recreio e instrução »*³³.

A 31 de Julho de 1964, o médico oftalmologista António Anastácio Gonçalves lavrava em testamento o seu desejo de legar ao Estado português a casa onde habitava em Lisboa e o espólio reunido ao longo da vida.

Aberto o testamento foram dados a conhecer os três testamenteiros nomeados pelo Dr. Anastácio Gonçalves, a saber: o Dr. João Gonçalo do Amaral Cabral, coleccionador e hoje Presidente do Conselho de Administração da Fundação da Casa de Bragança, o Dr. António Penco de Almeida, então Director do Banco de Portugal, amigo e companheiro

³² MATIAS, Maria Margarida Marques – *Casa-Museu Dr. Anastácio Gonçalves*, Lisboa: Secretaria de Estado da Cultura, Instituto Português do Património Cultural. 1980, p. 7.

³³ FALCÃO, Isabel – *Op. Cit.*, pp. 18-20.



Fig. 4 – Casa Museu Dr. Anastácio Gonçalves - Actualidade.

de audições de concertos e o Dr. João Anastácio, Economista, primo do Dr. Anastácio Gonçalves. A estes caberia a árdua tarefa de inventário e de execução testamentária. O inventário judicial levaria dois anos, e os bens foram entregues ao Estado em auto lavrado, de 18 de Agosto de 1967. Encerrado, o edifício entra em degradação. Foram removidas algumas obras do «Atelier Malhoa» para se iniciarem obras nos telhados. Em 1974, por falta de segurança das peças, as obras são retiradas para o Museu Nacional de Arte Antiga, Biblioteca Nacional e Instituto José de Figueiredo. Só em 1974 é formada uma comissão de conservadores, na sua maioria para inventariarem a colecção. Quatro anos mais tarde é criada uma Comissão Instaladora, com o objectivo único de abertura do museu ao público, que só se viria a concretizar em 1980³⁴.

O testamento previa legados à Governanta, que continuou a viver na casa até à década de 1980; à Santa Casa da Misericórdia de Lisboa,

³⁴ PROENÇA, José António – *Mobiliário da Casa-Museu Dr. Anastácio Gonçalves*. Lisboa: IPM – CMAG, 2002, pp. 12-15.

para apoio a invisuais; à Associação de Assistência de Alcanena e a parte mais significativa ao Estado português.

O coleccionador não deixou expressas indicações de como deveria ser o museu a criar após a sua morte, com excepção para a referência comparativa com o Museu Soane, em Londres, o que denota um apreço pela tipologia de uma Casa-Museu, com a manutenção do ambiente do local em que viveu, respeitando a memória do lugar.

Das colecções destacam-se, em número e qualidade, a «pintura de pintor», a porcelana chinesa e o mobiliário, sobretudo o de origem portuguesa do século XVIII.

A colecção de pintura é formada entre 1925 e 1965. Foram sobretudo os nomes dos pintores do Grupo do Leão que interessaram o coleccionador, a pintura de paisagem e alguns retratos, como «A Senhora de Negro», de António Ramalho, que Anastácio Gonçalves chamava «a minha Gioconda». Inventariava as suas compras, trocas e seguia as obras que desejava obter. Na década de 1930 comprou 126 pinturas e na década seguinte fez 116 transacções. No final da década de 1940 a colecção está tematicamente estruturada e, na década seguinte, foi mantida a escolha pelo naturalismo português. Enriquece a colecção com obras como *A Praia*, de João Vaz (em 1953) ou o estudo para a *Praia das Maças*, de Malhoa (de 1959)³⁵. Também comprou directamente a pintores, tais como José Malhoa, que o retratou, e a outros seus contemporâneos, como Mário Augusto, Portela Júnior ou Frederico Ayres; este último realizava igualmente trabalhos de restauro em pintura para o coleccionador.

Anastácio Gonçalves também coleccionou muito mobiliário português e europeu, com preferência por exemplares de meados e terceiro quartel do século XVIII. No inventário que realizou, descreveu detalhadamente as peças: origem, época, fabrico e dimensões, restauros anteriores e proprietários. Chegaram até nós 116 registos de peças de mobiliário. Nas listas de obras, reveladoras de um grande sentido de organização, teve a preocupação de reunir o maior número de informações sobre as peças, assim como os seus juízos estéticos sobre estas³⁶.

A porcelana chinesa é outro acervo emblemático do museu, com 379 objectos manufacturados, adquiridos entre 1941 e 1965³⁷. O conjunto reunido inclui, sobretudo, peças de «Azul e Branco» da Dinastia Ming

³⁵ MATOS, Maria Antónia Pinto de – *Op. Cit.*, p. 19.

³⁶ MATOS, Maria Antónia – *Op. Cit.*, p. 13.

³⁷ Agradecemos o inestimável voluntariado da Dr.^a Teresa Campos e de D. Manuela Nobre no tratamento arquivístico do espólio documental do Dr. Anastácio Gonçalves.

(1368-1644), mas também da Dinastia Qing (1644-1911), assim como dois exemplares da Dinastia Song (960-1279). A obra de John Alexander Pope – *Chinese Porcelains from the Ardebil Shrine*, (1456) veio confirmar a qualidade das aquisições feitas e orientar as futuras. O gosto pela porcelana levaram-no a programar uma viagem ao Iraque, Pérsia e Turquia, em 1960, para visitar Ardebil e o Topkapi Saray Museum em Istambul, célebre pelas notáveis colecções de cerâmica oriental.

Desde a abertura da Casa-Museu, em 1980, com profundas obras de remodelação em 1997, foram sendo editados de uma forma regular estudos sobre o coleccionador e a sua ligação aos três principais acervos de obras de arte: pintura portuguesa naturalista, mobiliário português e europeu dos séculos XVII ao XIX e a melhor colecção pública portuguesa de porcelana chinesa dos séculos XVI e XVII. Investigações recentes, com base em testemunhos orais, nos arquivos documental e fotográfico inéditos permitem-nos aprofundar o conhecimento da vida do coleccionador e, consequentemente, a história do coleccionismo em Portugal.

Esta colecção foi feita para deleite do olhar crítico de um médico conhecedor de arte mas que revela desde muito cedo, uma preocupação maior, a do bem comum, na partilha das obras que pretendia legar para «recreio e instrução» do público. O Dr. Anastácio Gonçalves, para além de coleccionador, foi também um mecenas. Um coleccionador que legou os seus objectos, partilhou publicamente com os que lhe sucederam as suas obras e, ao mesmo tempo, perpetuou-se.

Para muitos ainda ignorado, o estudo da figura do coleccionador e filantropo Dr. António Anastácio Gonçalves é essencial, pelo legado feito ao Estado para a criação de um museu, bem como para a compreensão da constituição das colecções de arte em Portugal no século XX.